Karl Jaspers como psicólogo*

HANNES STUBBE**

1. A Clínica de Heidelberg como berço da psicopatologia; 2. A psicologia de 1900 até a I Guerra Mundial; 3. A ordem do saber psicológico segundo métodos.

Descreve-se a evolução da psicologia e psicopatologia de Karl Jaspers (1883-1969) no seu quadro institucional, o Instituto de Psiquiatria de Heidelberg, onde elas nasceram, e também através da situação contemporânea da psicologia mundial, concentrando-se mais no método fenomenológico e biográfico, que Karl Jaspers aperfeiçoou.

1. A Clínica de Heidelberg como berço da psicopatologia

A psicologia e psicopatologia de Jaspers originaram-se da atividade teórica e prática na clínica psiquiátrica universitária de Heidelberg. Jaspers trabalhou de 1908 até 1915 nessa clínica. Primeiro, logo depois de seu exame oficial como praticante de medicina depois de uma interrupção de meio ano, durante o qual ele recebeu sua formação na Seção Neurológica da Clínica Interna, como assistente voluntário para as ciências (Jaspers, 1977, p. 17). A Clínica Psiquiátrica originou-se da Clínica para Doenças Mentais Universitária em Heidelberg para o Grão-Ducado de Baden, aberta em 1878. Desde 1906 fora a mesma redenominada como Clínica Psiquiátrica na Universidade Heidelberg, de 1920 a 1970 como Clínica Psiquiátrica e Neurológica e, posteriormente, como Clínica Psiquiátrica (Leonhard, 1983, p. 42). Isto constitui o espaço institucional rico

* Trabalho apresentado ao Instituto de Psiquiatria da UFRJ, em 18 de novembro de 1983, no Simpósio sobre Karl Jaspers, no centenário de seu nascimento. (Artigo apresentado à Redação em 4.5.84.)

** Psicólogo no Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC/RJ). (Endereço do autor: Rua Marquês de São Vicente, 225 — 22.453 — Rio de Janeiro, RJ.)

de tradições de suas atividades. Em que "situação espiritual" foi então esboçada a psicopatologia?

De 1904 a 1918 o diretor da Clínica era Franz Nissl (1860-1919), que se tornou importante devido à sua pesquisa sobre a histopatologia das meninges do grande cérebro (compare *Nissl-Schollen,* corpúsculos de Nissl, substância no plasma das células nervosas, as quais, segundo pesquisas mais recentes, são consideradas as portadoras da memória; em fenômenos de cansaço elas desaparecem para reaparecerem depois no repouso). "Ele era um excelente pesquisador como histólogo cerebral, descobriu com Alzheimer o diagnóstico especificamente histológico na meninge cerebral dos paraplégicos." Porém, "a maior impressão ele me causou" — escreve Jaspers (1977, p. 17) sobre ele próprio — "por sua autocrítica. É verdade que ele trabalhava com expectativas audaciosas daquilo que dentro das ciências naturais seria reconhecível nos doentes mentais; no entanto, mostrava-se incorruptível na percepção daquilo que não se coadunava com suas expectativas. Ele se admirava, porém ressaltava-o ainda mais severamente do que seus críticos, de sorte que não existia nenhuma correlação entre a gravidade da demência senil e o volume anormal das meninges cerebrais diagnosticado. Ele partia do princípio predominante desde Griesinger: doenças mentais são doenças cerebrais. Tendo feito importantes descobertas partindo desse princípio, solapava ao mesmo tempo a validade geral desta mesma frase. Esclarecendo metodicamente os diagnósticos, reconhecia ele os limites de seu significado."

Karl Wilmanns (1873-1945) estava na clínica desde 1903 e foi seu diretor de 1919 até 1933. Ele apresentou trabalhos pioneiros no campo da psiquiatria forense, psicologia criminal e pesquisas sobre esquizofrenia. Tornou-se particularmente conhecido pelo seu estudo *Zur Psychopathologie des Landstreichers* (Sobre a psicopatologia do vagabundo) (Wilmanns, 1906). Wilmanns forneceu a Jaspers a idéia básica e o material para seu trabalho de doutorado, *Heimweh und Verbrechen* (Nostalgia e crime) (Jaspers, 1908), e o estimulava para pesquisas sobre a pressão arterial (cf. Dissertação sobre Heidelberg, segundo Saner, 1982). Através dele e da Editora Springer, em 1911 Jaspers foi exortado a escrever uma *Allgemeine Psychopathologie* (*Psicopatologia geral*) (Jaspers, 1973, p. 22).

Hans W. Gruhle (1880-1958) exerceu suas atividades na Clínica Psiquiátrica Heidelberg de 1905 até 1934 e desde 1946 até 1952 foi diretor da Clínica Psiquiátrica Universitária em Bonn. Ele se tornou conhecido por seus trabalhos psiquiátricos forenses e psicopatológicos, em especial, porém, devido a *Verstehende Psychologie* (Psicologia compreensível) (Gruhle, 1948). Gruhle, assim escreve Jaspers (1977, p. 18), mantinha tudo em movimento "com sua crítica, sua universalidade e espontaneidade" e conduzia tardes de discussões em círculos restritos, "nas quais se discutia com a maior liberdade e paixão".

Willy Mayer-Gross (1889-1961) atuou na Clínica de 1913 até 1933, quando emigrou para a Inglaterra, e tornou-se conhecido antes de tudo através das *Selbstschilderungen der Verwirrtheit* (Autodescrições da confusão) (Mayer-Gross, 1924) e por sua contribuição para o tomo sobre esquizofrenia no *Manual de O. Bumke sobre doenças mentais.* O volume dedicado a Karl Jaspers é um trabalho em conjunto da Clínica Heidelberguense.

Como então processou-se a formação do futuro psiquiatra?

Desde a fundação da Clínica até o ano de 1890 limitou-se a ministrar três aulas semanais na Clínica Psiquiátrica. Sob a direção de Kraepelin (1865-1926), nos anos 1890 até 1904 passou a dar mais duas aulas semanais para uma prática psiquiátrica forense; e depois mais uma aula semanal para psiquiatria jurídica e uma aula semanal como uma preleção sobre a introdução na psicologia experimental ou psicologia criminal, uma aula semanal para um curso sobre anatomia, duas aulas semanais para uma visita clínica para os adiantados. A isto se juntava freqüentemente uma preleção pública sobre um tema importante da psiquiatria. Além disso, os médicos e estudantes podiam trabalhar no laboratório anatômico ou psicológico — no semestre de verão de 1910 foram, por exemplo, ministradas 16 aulas semanais de ensino (cf. Leonhard, 1983, p. 43).

À semelhança das outras clínicas psiquiátricas alemãs, era difundida também em Heidelberg "a consciência de uma estagnação da pesquisa e terapia científica". Na clínica de Nissl predominava uma "resignação terapêutica" e, no fundo, se estava "terapeuticamente sem esperança, porém ela era humanitária". "A brandura psiquiátrica valia como um comportamento óbvio não somente em relação aos doentes, como também frente à vida" (Jaspers, 1977, p. 21). Patrimônio espiritual coletivo da clínica era a psiquiatria de Kraepelin, com "variações que conduziam a uma posse de pontos de vista e concepções, das quias ninguém individualmente podia invocar para si direitos autorais. Assim, se formou a popularidade das duas grandes áreas da *dementia praecox* (mais tarde denominada esquizofrenia) e das enfermidades maníaco-depressivas (Jarpers, 1977, p. 20).

Escrever uma psicopatologia geral neste círculo não se apresentava difícil, constata Jaspers (1977, p. 23). "A incumbência estava madura. Eu fui encarregado de executá-la."

Este trabalho tornou-se possível devido à incomum (ele mesmo a chama de abnorme) posição de Jaspers (1977, p. 19) na Clínica: em razão de sua enfermidade, ele era liberado de um tempo de trabalho regular. O acesso para todas as conversações e discussões lhe permanecia aberto: para as visitas em conjunto, apresentação de doentes, conselhos sobre pareceres na Clínica, as tardes científicas com Nissl e para as discussões particulares com Gruhle, das quais Nissl não participava. Era-lhe permitido escolher ele próprio os casos que mais lhe interessavam; teve à sua disposição um quarto onde podia fazer testes e tornou-se perito judicial e médico para males dos nervos e da alma, na Caixa de Assistência Estudantil. Assim, ele obteve plena visão de todos os aspectos da psiquiatria, mesmo nos psicológicos, jurídicos, sociológicos e pedagógicos. Como assistente voluntário, ele comprou essa liberdade, porém com renúncia a todo e qualquer salário.

Além da Clínica com os seus excelentes cientistas, tornou-se importante, para Jaspers, Max Weber (1864-1920), o qual tinha conhecido em 1909. "Max Weber, através de seu pensamento e de sua natureza", assim escreve Jaspers em sua *Philosophische Autobiographie* (Autobiografia filosófica) "até hoje tanto quanto nenhum pensador" (Jaspers, 1977, p. 34) "tornou-se tão importante para minha filosofia. Ele tornou-se para mim o verdadeiro filósofo de nosso tempo". "Tudo o que eu pensava politicamente desde o início da guerra de 1924 era sob a influência de Max Weber" (Jaspers, 1977, p. 66) — ver, a

esse respeito, antes de tudo, o capítulo Pensamento político, em Jaspers (1977, p. 63); ver, também, Saner (1928, p. 33).

2. A psicologia de 1900 até a I Guerra Mundial

A fim de tornar nítido de que maneira a psicologia de Jaspers se distingue daquela de seus contemporâneos, precisamos lançar uma vista breve sobre a psicologia desde a virada do século até a I Guerra Mundial.

Na Rússia havia-se constituído uma direção designada psicologia objetiva ou reflexologia. Essa doutrina fora formulada programaticamente em especial por Wladimir Bechterew (1857-1927), cuja obra psicológica principal, *La psychologie objective* (Psicologia objetiva) (Bechterew, 1907), apareceu nesta data. Bechterew trouxe consigo, de Charcot de Paris, o interesse sobre as novas questões da psicopatologia e, de Wundt em Leipzig, a visão de uma psicologia experimental.

O nome psicologia objetiva circunscreve aqui a tese metódica básica, de que somente o fisicamente observável, registrável e mensurável seria objeto da psicologia científica. A tarefa principal da pesquisa psicológica são os reflexos neuropsicológicos, os quais se diferenciam dos reflexos comuns somente pelo fato de não se basearem em experiência hereditária, e sim em experiência individual. Mais tarde, Bechterew ampliava sua psicologia objetiva para uma reflexologia coletiva.

Particularmente enriquecida foi então a pesquisa sobre a atividade refletora tanto humana como de animais através dos trabalhos experimentais do fisiólogo russo Ivan Petrovitch Pavlov (1849-1936), pelos quais em 1904 recebeu o Prêmio Nobel. No centro de suas pesquisas estão os "reflexos condicionados", que ele examinou em especial na atividade da glândula salivar de cachorros. A estrutura básica de sua doutrina pode ser demonstrada em seu ensaio modelar (*Cachorro de Pavlov*). Depois de inteiramente habituado à atmosfera absolutamente isenta de estímulos de um laboratório, é introduzida um cateter nos canais de saliva de um cão, de sorte que o fluxo da saliva possa ser observado. A visão da comida faz fluir a saliva. Então inicia-se o adestramento a respeito de um estímulo denominado condicionado. O aparecimento da comida (= estímulo incondicionado) faz-se preceder um som de sineta. Feito isto várias vezes, flui a salina à simples percepção do som. O reflexo salivar, conseqüentemente, ligou-se ao novo estímulo, o estímulo condicionado. O mecanismo de reflexo para ele se transferiu. Do reflexo incondicionado surgiu um reflexo condicionado. Em tais reflexos condicionados via Pavlov então a possibilidade de examinar a atividade total do cérebro e esclareceu sua formação pelo efeito conjunto de excitações e inibições. Também o comportamento humano ele tentou explicar como um sistema de tais reações.

Também na América desenvolveu-se uma orientação semelhante, que fez do comportamento (*behavior*) o ponto de partida de sua psicologia e que é chamada geralmente de behaviorismo ou psicologia do comportamento. Já em 1908, William McDougall (1871-1938) tinha falado da psicologia de maneira inteiramente generalizada como da "ciência do comportamento". Seu representante mais radical, John Broadus Watson (1878-1958), criticava os anteriores

psicólogos ("introspeccionistas"), que tinham visto o ponto de partida fecundo de sua ciência na observação de si próprio (introspecção) e exigia que se partisse somente de uma observação do alheio. Neste sentido, tentou o behaviorismo, mediante observação sistemática e experimentações, formular as regras gerais, leis e princípios aos quais o comportamento humano se acha submetido.

Seu livro *Psychology as the behaviorist views it* apareceu em 1913 (no mesmo ano que a *Psicopatologia geral* de Jaspers). Classifica os seguintes métodos de pesquisas objetivas da psicologia: observação do alheio e experimento, métodos de reflexos (para a obtenção de reflexos de secreção e de movimentos), métodos de informações verbais e métodos de testes. A diferença entre os métodos fisiológicos e os psicológicos consiste antes de tudo no fato de que a fisiologia se ocupa de reações parciais, enquanto o psicólogo deve ocupar-se com os ajustes do organismo como um todo. As emoções da alma, por exemplo, são entendidas nessa psicologia como uma reação herdada, padronizada (isto é, não-aprendida) — *pattern reaction* — as quais encerram profundas alterações do mecanismo corporal no todo, especialmente, porém, incluem o sistema intestinal e glandular. A personalidade representa a "massa reacional como um todo" e em seus componentes principais são formados de sistemas firmes de hábitos, instintos, que são formados por influências sociais e emoções que foram moderadas e modificadas pela escola da realidade.

No espaço de língua alemã, este período caracteriza-se por uma multiplicidade de psicologias. Aqui, antes de tudo, deve ser mencionado Dilthey (1833-1911), que na história da psicologia entrou como o iniciador da psicologia científica do espírito. Ele retrocedeu para a "vivência" e o "entendimento" e colocou este em contraposição aos métodos "explicativos" das ciências naturais. Programaticamente, expôs suas "idéias sobre uma psicologia descritiva e ao mesmo tempo analisada", pela primeira vez, em 1894. Traçou nela uma nítida linha divisória contra qualquer "psicologia explicativa", com o que ele naquele tempo se refere à psicologia predominante, atomizante, mecanicista e associacionista. Ele considera ciência básica a "psicologia compreensiva" que parte da revivescência de conexões anímicas e tenta abrangê-la em sua "legitimidade estrutural". Dilthey vem de análises biográficas e histórias espirituais, cuja meta é a compreensão da personalidade inteira e não a compreensão de uma atividade isolada. Trata-se do caminho metódico da hermenêutica, o qual é exigido tanto nas ciências do espírito como também para a psicologia. A idéia de Dilthey de uma psicologia científica espiritual foi continuada especialmente por Spranger. Contra essa psicologia científica espiritual insurgiu-se antes de outros o psicólogo experimental e pesquisador da memória Ebinghaus (1850-1909), tentando em sua *Réplica* (1895) fornecer a comprovação de que Dilthey com seus ataques não atingiria a moderna psicologia de associação, porém, no máximo, alguns representantes antiquados como Herbart (1776-1841). Também a mais moderna psicologia explicativa, tanto quanto Dilthey, ambicionava unidades cada vez mais abrangentes, mesmo partindo de elementos.

Não somente de Dilthey, como também do filósofo Husserl (1859-1938) recebeu Jaspers importantes impulsos (cf. Jaspers, 1977, p. 23). Husserl é considerado o fundador da "psicologia fenomenológica", cuja tarefa consistiria em descrever comportamentos psíquicos básicos, atos, funções e estruturas segundo sua natureza, em contraste com as pesquisas dos "elementos" (sensações, associações). Ele a considerava a ciência metódica básica para a psicologia empírica.

Também Oswald Külpe (1862-1916), um discípulo de Wilhelm Wundt, transferiu os procedimentos experimentais em combinação com severa introspecção para o campo do pensamento e fundou a "escola de Würzburg". Os resultados dessa escola conduziam aos problemas da gestaltpsicologia, que se desdobrou em três escolas distintas, que são a Escola Berlinense (Wertheimer, Koffka, Lewin, Köhler), a Escola de Leipzig (Krueger, Klemm, Volkelt) e a Escola de Graz (Witasek, Benussi, Weinhandl). Embora estas tendências pareçam diferir em pormenores, elas coincidem na tese de que o total seria sempre mais do que a soma de suas partes. Os ensaios mis conhecidos eram as experiências de Wertheimer sobre a visão estroboscópica (cinética) (1911) e as experiências de Köhler com chimpanzés em Teneriff durante a I Guerra Mundial, nos quais ele estudava o "aprendizado compreensivo".

Ainda tornou-se importante para Jaspers a pessoa de Ludwig Klages (1872-1956), que é considerado o fundador do conhecimento do caráter e da expressão que se baseia em seus estudos grafológicos. Ele tornou-se conhecido do estudante Jaspers no semestre de verão em Munique e dele recebeu ensinamentos particulares de grafologia (ver Saner, 1982, p. 19).

Finalmente, neste período a psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939) começou a conquistar passo a passo a psiquiatria (ver, talvez, Eugen Bleuler ou C.G. Jung) e particularmente com esta orientação entrou Jaspers em polêmica crítica em muitos de seus trabalhos.

3. A ordem do saber psicológico segundo métodos

Nessa situação temporal psicológica encontra-se Jaspers. O primeiro problema da psicologia situava-se para ele na questão de como o assunto dessa ciência, a multiplicidade de expressões individuais da alma, poderia resultar em uma coisa realmente apreensível pela ciência. O método que realizaria isto foi chamado por Jaspers de "método fenomenológico". Três passos caracterizam o procedimento fenomenológico:

1. A psicologia deve colecionar o material o mais completamente possível. Em relação a um indivíduo esse material é sua maneira de se expressar, a informação obtida por exploração e autodescrições. O ideal aqui é a inteira biografia, que então ainda deveria ser entendida como psicografia. Já a extensão desse material, antes de tudo a introdução da biográfica metodicamente consciente na psicopatologia, constituía algo novo.

2. O psicólogo deve "ver" esse material. O que ele deve ver não são somente fatos das ciências naturais, que são obtidos pela percepção dos sentidos. Trata-se de vivências que pelo desvanecimento acabam nos escapando. "Ver", portanto, significa igualmente "compreender", "tornar-se presente", "apreender", "olhar". Trata-se de uma rememorização imergente, que necessita de concentração e de muita prática. A este "ver" deve juntar-se um selecionamento, limitação, distinção entre determinados fenômenos espirituais. Estes devem ser diferenciados como vistos, serem descritos e regularmente designados com uma determinada expressão. Como fenômenos designáveis e reconhecíveis são eles elementos da ciência.

3. O psicólogo deve finalmente estabelecer uma ordem no caos dos inúmeros fenômenos designados, a fim de tornar-se metodicamente ciente da multiplicidade de manifestações da alma, tornando-as visíveis até o limite atingível em cada caso. Tipologias podem constituir-se em meios auxiliares, cujo valor situa-se somente na fertilidade para a respectiva intenção.

O ideal da fenomenologia, portanto, é uma infinidade de qualidades da alma não-redutivas, colocadas em ordem visível, as quais são vistas como idealmente típicas e claramente apreendidas em seus conceitos.

O método fenomenológico coleta, apreende, designa e ordena as diversas qualidades e estados da alma. A psicologia, porém, não observa somente os elementos da vida interior, mas também as suas conexões na experiência psíquica. Reconhecê-los significa a dificuldade maior de sua tarefa. Ao âmago desse conhecimento, trouxe então Jaspers, através da reflexão metodológica, uma clareza que antes dele não existia na psicologia (Saner, 1982, p. 71).

O ponto de partida desse esclarecimento era a observação de que existem conexões na alma, de espécies inteiramente diferentes. Jaspers pôde constatar que na realidade dois tipos de reconhecimento eram então feitos pelos psicólogos: o explicar (que erradamente é considerado o único método científico) e o compreender. Esclareceremos a diferença em dois exemplos que o próprio Karl Jaspers em seus escritos para a psicopatologia, que ele considerava uma parte da psicologia, trouxe à luz:

1. No desenvolvimento da vida interior, durante o crescimento espiritual, pode em certas épocas ocorrer um progresso acelerado e em outras um retardamento. Aqui, como nas demais sucessões de estágios de desenvolvimento, o que se segue não pode ser derivado intuitivamente do que lhe precedeu. Existe uma conexão psíquica objetiva, que o pesquisador tenta esclarecer pela causa.

2. Conhecendo-se a meta de um homem e sabendo-se também quais os conhecimentos que ele possuía dos meios necessários para alcançá-la, podem-se entender suas ações... racionalmente em função desta meta. Compreende-se logicamente a existência de uma conexão racional.

3. Chegando ao conhecimento de um namorado que sua amada lhe fora infiel, ele perde o autocontrole, se desespera e pensa em suicídio — podem-se entender suas ações quão irracionais elas parecem ser objetivamente, até os mínimos detalhes pelo sentimento. Percebem-se conexões psicologicamente sensíveis.

Esta diversidade de conexões psicológicas conduziu Jaspers, com aproveitamento de trabalhos prévios metodológicos em Wilhelm Dilthey, Johann Gustav Droysen, Eduard Spranger e Max Weber, à diferenciação de métodos de reconhecimento da psicologia.

Em toda parte onde o reconhecimento em último caso se baseia como origem na causalidade externa, trata-se de uma explicação. O explicar tem seu objetivo em fenômenos fora do consciente, enquanto são considerados extrapsíquicos, e o que esclarece coloca-se a si próprio também por fora desses fenômenos. Onde, porém, a base do reconhecimento se situa numa causalidade de dentro, na motivação, torna-se o conhecimento em compreensão. Enquanto a

compreensão como, por exemplo, na fenomenologia se orienta somente sobre qualidades isoladas da alma, trata-se de uma compreensão estática. Onde se lhe torna transparente logicamente a motivação com relação entre meio e objetivo, trata-se de uma compreensão racional. No entanto, onde os motivos somente se tornam evidentes pela penetração da sensibilidade do compreensivo no objeto, onde, portanto, o reconhecimento é a contemplação ganha do interior, como o sentimento interno se origina da alma, torna-se uma compreensão "genética", uma compreensão "psicológica". Esta compreensão genética é chamada por Jaspers quase sempre simplesmente "compreensão" e a coloca como uma maneira autônoma de reconhecimento da psicologia, ideal tipicamente em oposição ao "esclarecer".

Entretanto, a compreensão genética não constitui para ele a única maneira preferida do reconhecimento psicológico. O psicólogo deve explicar e entender; porém é decisivo que os faça com clareza. Ele pode explicar todos os objetos enquanto os considera extrapsíquicos; a compreensão é limitada pelos limites subjetivos da capacidade intuitiva. Onde não há mais compreensão, existe somente o "explicar". Não quer isso dizer que não posso tudo explicar, porém que ao "explicar" não são impostos limites de princípios: ele é universal a partir dos objetos. Por outro lado, a frase "não posso compreender" não deve ser apressadamente interpretada como no sentido "não é compreensível", já que em nenhum caso os limites subjetivamente estreitados da intuição são tão amplos como aqueles da capacidade objetiva de entender a vida interna de outrem (Saner, 1982, p. 72).

A distinção entre "explicar" e "compreender" tornou-se fecunda para Jaspers em outro par de conceitos básicos. As qualidades da alma são como se fossem os elementos da psicologia, as conexões internas, suas unidades. A última unidade em relação a um indivíduo seria a unidade da personalidade. Mesmo que essa unidade, em toda a parte onde somente se possa explicar, seja interrompida, decompondo-se, portanto, numa multiplicidade de unidades de compreensão científica, existe sempre algo como um intuição abrangente num indivíduo como um todo, na qual todas as unidades de compreensão estão de novo encerradas e conseqüentemente relacionadas umas com as outras.

Se deste modo for possível a observação de um homem, de sorte que a partir de sua predisposição o curso de sua existência possa ser entendido sem um desvio incompreensível pela juntada de novidades em razão das diferentes etapas etárias, fala Jaspers do *desenvolvimento de uma personalidade.* Se, entretanto, frente ao desenvolvimento da vida até então, se junta algo inteiramente novo como uma alteração permanente de sua vida interior, se, portanto, à sua personalidade é enxertado algo heterogêneo, chama ele este fenômeno de um *processo.* Um processo não pode ser compreendido, mas somente deve ser explicado. Esta diferenciação desenvolvimento-processo torna-se de grande significado antes de tudo para as patografias de Jaspers.

A representação de um curso de vida era, até o século passado, um assunto para poetas e historiadores. Somente no fim do século XIX tornou-se objeto e material das ciências humanas. Primeiramente, ocupavam-se psiquiatras — talvez com algumas exceções: *Anton Reiser,* de Karl Philipp Moritz (1785-1790); *Lenz,* de Büchner (1839); *O alienista,* de Machado de Assis (1882), partindo de representações de casos com ele, e aqui eram antes de tudo as patografias

de gênios (ver, por exemplo, a obra de Lombroso, *Gênio e Loucura,* 1684) — que incitaram para a representação e a pesquisa, como, por exemplo, as patografias da pena do psiquiatra Möbius (1853-1907) sobre Rousseau (1889, 1903), Schopenhauer (1903), Nietzsche (1904) e Goethe (1898, 1909). Os criminólogos dirigiram sua atenção à observação da história da vida de criminosos. Em resumo, tratava-se antes de tudo de "pessoas de exceção" que estimulavam o interesse da ciência. Somente a psicanálise de Freud desenvolver-se-á mais tarde numa "biografia de qualquer um" (Marcuse, 1956) — compare Schraml, 1965. Sobre esta base pôde então construir-se a moderna "psicologia do curso da vida humana" (Bühler, 1933; Thomae).

Já em 1910, Jaspers, aos 27 anos, recém-casado, tinha publicado seu estudo *Eifersuchtswahn. Ein Beitrag zu der Frage "Entwicklung einer Persönlichkeit" oder "Prozess"* (Delírio de ciúmes — uma contribuição para a questão: desenvolvimento de uma personalidade ou processo). Neste trabalho, Jaspers descreveu muito explícita e pormenorizadamente vários enfermos com mania de ciúme. É singular, desde já, a maneira da representação: são narrados os cursos de vida em bastante amplitude, ainda com um grande número de pormenores da vida pregressa e com uma descrição detalhada do estado de alma ao tempo da observação clínica. "Jaspers, com isso, introduz o método biográfico na psiquiatria" (Kolle, 1957, p. 436). A partir daí, a enfermidade deve ser sempre observada com base no decurso da vida. Jaspers diferencia:

a) desenvolvimento de uma personalidade (por exemplo, uma reação "querulante" do tipo Michael Kohlhaas);
b) processo psíquico (por exemplo, paranóia do tipo descrito por Gaupp no caso do assassinato em massa realizado por Wagner);
c) processo físico-psicótico (por exemplo, esquizofrenia do tipo Hölderlin).

Já neste estudo psicopatológico chama a atenção a oposição crítica assumida por Jaspers, ao tentar distinguir o desdobramento interno compreensível da vida pessoal, das seqüências de acontecimentos biológicos de uma psicose em irrupção, assim como elucidar com exatidão essa diferença. "A pesquisa de Jaspers sobre doentes com delírios de ciúme não somente fecundou a ciência psiquiátrica, como também a prática de um modo extraordinário. Frente a muitos enfermos da alma, ainda hoje o psiquiatra consciencioso enfrenta a questão 'desenvolvimento ou processo'" (Kolle, 1957, p. 437).

Em sua *Allgemeine Psychopathologie* (1973) encontra-se um capítulo volumoso sobre a biográfica; neste, não somente para a psicopatologia, como também para qualquer disciplina biograficamente orientada, é estabelecida uma série de normas. Jaspers escreve: "Biográfica deve mostrar, mediante uma observação total e sob todos os pontos de vista possíveis, um retrato de vida que, como parte isolada, é simultaneamente representativa, e isto orientado por uma observação concreta na realidade alcançada de uma compreensão psicopatológica. Se tivéssemos uma coleção de tais retratos biográficos cuidadosamente elaborados, seria ela a melhor introdução para uma compreensão psicopatológica. Somente em representação biográfica de casos ricamente desenvolvidos, tornar-se-ia claro o que em concepções generalizadas ainda apresenta um traço qualquer e vazio de algum modo; o que no momento de um contato humano limitado

no tempo permanece oculto, o que em casos triviais não se desdobra" (Jaspers, 1973, p. 570).

Uma biografia assim completa não é mais um catálogo de comportamentos divididos em várias seções da vida, é sim "história de vida". Esta deve ser abrangida na biográfica como um "processo biológico da vida", como uma "ainda não transparente, porém, história real da alma", como "consciência autorefletida", finalmente como "razão existencial de resolução e aceitação da realidade para uma apropriação penetrante" (Jaspers, 1973, p. 583).

Antes de aparecer a terceira edição de *Allgemeine Psychopathologie* (1923), Jaspers, que entrementes tinha recebido um professorado para filosofia, apanha mais uma vez a pena, a fim de tratar de uma questão importante para a psicopatologia. Jaspers tenta uma análise patográfica de Strindberg e Van Gogh com menção comparativa de Swedenborg e Hölderlin (1922). Estes quatro homens, importantes como poetas, pintores e pensadores, sofreram em suas vidas uma grave enfermidade da alma, que a psiquiatria moderna qualifica como esquizofrenia (somente para Van Gogh este diagnóstico é controvertido; ver, por exemplo, Kretschmer, 1926, p. 810). Jaspers estabelece com este trabalho um novo estilo de biografia de homens criadores que se tornaram doentes. Ele não olha como seus antecessores. Fascinado pela doença, não procura derivar juízos sobre valores do fato da enfermidade. Pois a doença é para ele "um fator decisivo da existência; ela é também um fator no desenvolvimento de sua visão do mundo e é de influência sobre o conteúdo de suas obras... e por este motivo deve ser trazida a uma observação clara" (Jaspers, 1949, p. 8). Porém, no enfermo mais simples devemos sempre procurar considerar a doença e a vida uma unidade.

Em seu livro *Nietzsche: Einführung in das Verständnis seines Philosophierens* (Introdução à compreensão de seu filosofar) (1974), Jaspers mais uma vez recorre a suas ricas experiências psicopatológicas e nos transmite uma demonstação brilhante da doença, à qual Nietzsche finalmente sucumbiu. Ele escreve: "A questão sobre as doenças vale para alguns desde já como uma diminuição de Nietzsche. Um relacionamento das propriedades da obra com a doença parece-lhes uma desvalorização. 'Trata-se de obra de um paralítico', diz um deles. 'Nietzsche antes do fim de 1888 não estava doente do espírito', diz um outro. A inteligência acomodada pensa poder exigir a simples alternativa: ou Nietzsche era doente ou era uma grandeza universal; que ambas as coisas seriam possíveis é negado. A estas destruições definitivas e falsos salvamentos, onde não se mostra nenhuma compreensão das idéias nietzschianas e nenhum entendimento da realidade de sua vida, porém, debaixo do escudo de afirmação dogmática, tanto a questão como a pesquisa são paralisadas, devem ser opostos argumentos sérios.

Primeiramente, deve ser considerado abstrato que o valor de algo criado deva ser visto e julgado do conteúdo do que fora espiritualmente produzido. A causalidade sob cuja influência algo se forma não diz nada sobre o valor do que fora criado" (Jaspers, 1936, p. 85). "A doença de Nietzsche não somente interrompeu esta vida arruinando-a, porém, ela em seu lento surgimento lhe pertence de uma maneira, que sem esta doença sua vida e sua obra dificilmente seriam imagináveis para nós."

O desenvolvimento de uma biografia e o desenvolvimento progressivo da filosofia existencial são de difícil separação em Jaspers.

Sobre a psicanálise, que por si só desenvolveu um tipo especial de entendimento biográfico, externou-se Jaspers em diversas fases de sua vida de maneira crítica, às vezes mesmo polêmica — cf. *Allgemeine Psychopathologie* (1973), *Die geistige Situation der Zeit* (1932) e *Marx und Freud* (1950). Em seu pequeno volume bem-sucedido *Die geistige Situation der Zeit* (A situação espiritual da época) (1932), lê-se sobre a psicanálise: "Patrimônio comum de nosso tempo, transformou-se a psicologia por fim numa configuração característica como psicanálise de Freud. Se esta tem o mérito, na psicopatologia, de colocar no campo de observação fatos até então não-considerados, apresenta ela, apesar de tudo, a falha de não ter feito tais fatos definíveis de um modo inobjetável, porque, a despeito da imensa literatura, falta até hoje a verdadeiramente suficiente e convincente casuística. Ela se mantém no plausível, que no momento pode parecer exato, cujo sentido e alcance, porém, não poderão ser limitados por pessoas leigas.

A psicanálise coleciona e interpreta sonhos, fracassos, associações involuntárias, a fim de penetrar nos bastidores do inconsciente, do qual a vida consciente é determinada. O homem torna-se um títere de seu inconsciente; aclarando este, ele o dominará. No inconsciente jazem os instintos básicos, que são resumidos como libido e são considerados antes de tudo um impulso erótico. Juntam-se finalmente impulsos para o poder e auto-afirmação e finalmente um impulso para morrer. As doutrinas nunca se tornam homogêneas, também nem heurísticas, talvez, para o momento, para dali poder-se avançar com um questionamento claro, de sorte a ser decidido algo pela pesquisa. Invocam sua qualidade de empíricos para com material sem fim, ano por ano, sempre dizendo a mesma coisa. A auto-reflexão do homem honesto, como depois de um longo desenvolvimento cristão atingiu o ponto máximo com Kierkegaard e Nietzsche, acha-se aqui desnaturada na desnudação de desejos sexuais e típicas vivências da infância; trata-se de um encobrimento de uma auto-reflexão verdadeira e perigosa pelo reencontro de tipos conhecidos numa suposta necessidade que pré-absolve a existência humana em todas as suas baixezas.

Assim se reúne o que é adequado para massas ignaras, mostrando-lhes o que seria o ser humano. O instinto, para a afirmação do homem no que tem de humano demais, encontra satisfação não-intencionada. A doutrina torna-se a autojustificativa da existência, usada em sua simples facticidade: a realidade verdadeira são a libido e outros instintos, como no marxismo os interesses materiais. Eles são de fato reais, no entanto o que importa é encontrar suas possíveis limitações, e no ser do homem poder olhá-los como sendo a outra parte. A psicanálise conduz silenciosamente à conseqüência de não se poder imaginar um ideal, porém poder senti-lo, sendo que o homem de toda a divisão e brutalidade, através da qual possa chegar a si próprio, volta de novo à natureza, para a qual ele não mais necessita ser humano" (citado segundo a edição de 1932, p. 138).

O mérito de Jaspers como psicólogo não se situa somente na separação conceitual de "explicar" e de "compreender", "desenvolvimento" e "processo", porém no fato de que ele descreveu com clareza o método fenomenológico e o procedimento do compreender. Com isso ele não somente forneceu uma correção para a psicologia "objetiva" até então praticamente dominante (isto é, histologia cerebral, psicologia capacitiva, psicologia experimental) como igualmente fun-

damentou um amplo campo do conhecimento psicológico de modo seguro, criando uma psicologia subjetiva compreensiva, isto é, esboçou uma psicologia do verdadeiro ser humano existente.

A psicologia de Jaspers pode ser resumida em três axiomas antropológicos:

1. o homem não é cognoscível;
2. existem fatos essenciais originados da alma que não podem ser postos a descoberto por métodos experimentais;
3. reconhecer e explicação causal não são idênticos.

Jaspers trabalhou por muitos anos, não somente estudando a vida anormal da alma humana, senão também percorrendo os "limites da vida normal da alma". Deste trabalho somente uma pequena parte foi publicada, qual seja *Psychologie der Weltanschauungen* (A psicologia das visões do mundo (1971)). Esta obra significa já sua passagem para a filosofia. Jaspers fornece nesta obra uma tipologia abrangente, que observa as visões do mundo tanto pelo seu lado subjetivo, das tomadas de posição, como também pelo lado objetivo, das imagens do mundo. Na classificação predomina um desmembramento triplo, segundo o procedimento de Hegel, cujo ensaio *Fenomenologia do espírito* Jaspers retoma com meios modernos. As "tomadas de posição" são isoladas em posicionamentos objetivos, auto-reflexivos e entusiásticos, quando mais uma vez são feitas diferenciações de várias espécies. Igualmente, as visões do mundo são separadas em físico-espaciais, espírito-culturais e metafísicas. Entretanto, o ponto principal situa-se na última parte, que procura apreender "a vida do espírito". Trata-se aqui das forças que em sua abrangência encerram entre si os posicionamentos e as imagens do mundo. Estas forças não são diretamente materializáveis, somente como processos de movimentos, como totalidades baseadas numa força impulsionadora. Estas forças são objetivadas em avaliações. O homem avalia enquanto vive. Ele deve escolher dentro de uma multiplicidade de valores que colidem de diversas maneiras. Formam-se ordens hierárquicas de valores, das quais porém nenhuma é absoluta. Onde valores são produzidos, também valores são exterminados. Frente a estes últimos, o homem chega a situações que Jaspers chama de "situações-limite", cuja parte em comum é que o homem dentro do mundo objetivo não mais encontra algo sólido. Aqui então surge a questão de qual o "apoio" que tem o homem. Com esta pergunta atingimos o centro dos tipos espirituais, pois este apoio do homem é a expressão característica das forças que nele vivem. Mais uma vez, são esboçadas três possibilidades. Ceticismo e niilismo carecem de qualquer apoio em sua forma mais conseqüente. Outros tipos encontram seu apoio no finito em "casas", às quais pertencem o autoritarismo, o liberalismo e o absolutismo de valores. Um último tipo procura e encontra seu apoio no infinito. Aqui o espírito se sente ilimitado e livre, como processo ele chega a um momento crítico irracional do desenvolvimento e é carregado pela força da fé, aqui ele se move através da antinomia da divisão entre o subjetivo e o objetivo e vivencia o infinito numa experiência mística. Nessa ocasião manifestam-se nitidamente quão fortes inspirações Jaspers recebeu de Kierkegaard, o qual então ganha influência sobre a psicologia mais moderna.

Abstract

The institutional background (Heidelberger Psychiatrische Klinik) of the development of Karl Jaspers' psychology and psychopathology is to be exposed in view of the contemporary situation of the international psychology. The fenomenologic and biographic methods, especially field out by Karl aspers, are comprehensively explained.

Referências bibliográficas

Bechterew, W. *La psychologie objective*. Paris, Alcan, 1907.
Brenio Onetto, B. Karl Jaspers (1883-1969). *Acta Psiquiát. Psicol. Amér. Latin*, Buenos Aires, *16*:67-74, 1970.
Büchner, G. *Lenz*. Reclam, Stuttgart, 1839.
Bühler, Ch. *Der menschliche Lebenslauf als psychologisches Problem*. Leipzig, Barth, 1933.
Dilthey, W. *Ideen über eine beschreibende und zergliedernde Psychologie*. Göttingen, Vandenhoek, 1974.
Gruhle, H. W. *Verstehende Psychologie*. Heidelberg, Springer, 1948.
Jaspers, K. *Heimweh und Verbrechen*. Med. Diss. Heidelberg, 1908.
———. Eifersuchtswahn. Ein Beitrag zur Frage: "Entwicklung einer Persönlichkeit" oder "Prozess"? *Z. Ges. Neurol. Psychiat.*, *1*:567-637, 1910.
———. Die phänomenologische Forschungsrichtung in der Psychopathologie. *Z. Ges. Neurol. Psychiat.*, *9*:391-408, 1912.
———. *Die geistige Situation der Zeit*. Berlin, Göschen, 1932.
———. *Strindberg und van Gogh*. Versuch einer pathographischen Analyse unter vergleichender Heranziehung von swedenborg und Hölderlin. München, Piper, 1949.
———. Zur Kritik der Psychoanalyse. *Nervenarzt*, *21*:465-8, 1950*a*.
———. Marx und Freud. *Der Monat*, Weinheim, 3(26):465-8, 1950*b*.
———. *Psychologie der Weltanschauungen*. Heidelberg, Springer, 1971.
———. *Allgemeine Psychopathologie*. Heidelberg, Springer, 1973.
———. *Nietzsche*. Einführung in das Verständnis seines Philosophierens. Heidelberg, Springer, 1974.
———. *Philosophische Autobiographie*. München, Piper, 1977.
Kolle, K. Karl Jaspers als Psychopathologe. In: Schilpp, P. A., ed. *Karl Jaspers*. Stuttgart, Enke, 1957. p. 436-64.
Kretschmer, E. Rezension "Strindberg und van Gogh". *Klinische Wochenschrift*, *5*:810, 1926.
Leonhard, J. F., ed. *Karls Jaspers in seiner Heidelberger Zeit*. Heidelberg, Heidelberger Verlagsanstalt, 1983.
Machado de Assis. *O alienista*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1966.
Marcuse, L. *Sigmund Freud*. Sein Bild vom Menschen. Reinbek; Rowchlt, 1956.
Mayer-Gross, W. *Selbstschilderungen der Verwirrtheit*. Heidelberg, Springer, 1924.
Möbius, P. J. *Jean-Jaques Rousseau*. Leipzig, Barth, 1903.
———. *Nietzsche*. Leipzig, Barth, 1904.
———. *Goethe*. Leipzig, Barth, 1898, 1909.
Müller-Freienfelds, R. *Die Hauptrichtungen der gegenwärtigen Psychologie*. Leipzig, Quelle & Meyer, 1929.
Saner, H. *Karl Jaspers*. In Selbstzeugnissen und Bilddokumenten. Reinbek, Rowohlt, 1982.
Schraml, W. Die Psychoanalyse und der menschliche Lebenslauf. *Psyche*, Göttingen, *19*: 250-68, 1965.
Stubbe, H. Psychotherapie in Brasilien. *Zschr. Psychosomat.* Med., Göttingen, *26*:79-93, 1980.
Thomae, H. *Die biographische Methode in den anthropologischen Wissenschaften*. Studium Generale. Heidelberg, 1952.
———. Biographische Methode und Einzelfallanalyse. In: *Enzyklopädie der Psychologie*. Bd. 2, Göttingen, Hogrefe, 1983.
Watson, B. *Psychology from the standpoint of the behaviorist*. Philadelphia, 1929.
Wilmanns, K. *Zur Psychopathologie des Landstreichers*. Heidelberg, Springer, 1906.
Wisser, R. Karl Jaspers. In: *Neue Deutsche Biographie*. Bd. 10. Berlin, Dunker, 1974. p. 362-5.